

5 Considerações Finais

Foi nosso interesse nesta dissertação refletir sobre as figuras enigmáticas islandesas, as *kenningar*, a partir de Borges. Priorizamos pensá-las observando como as peculiaridades e as obras borgianas puderam fomentar a discussão a respeito do sentido e da metáfora.

Vimos e ressaltamos que há, em Borges, oscilações quanto ao entendimento da metáfora: ora percebida como *fundada*, ora como *fundante*. Essa inconstância, que fica clara no ensaio “Las *kenningar*”, abre espaço para que questionemos territorializações fixas para se entender a metáfora, esse “filosofema clássico” (Derrida, 1991, p.259). Tal oscilação deflagra também que não teríamos categorizações de um Borges ultraísta e jovem em contraponto com um Borges não-ultraísta e maduro, por exemplo, pois, mais do que propor classificações engavetadas, queremos refletir sobre as muitas faces de Borges que convivem no paradoxo.

Nossa interpretação das *kenningar* foi construída em parte com base no conceito deleuzeano de *devenir*: as *kenningar* instauram sentidos por desterritorializações, por *hecceidades* que preveem ritmos, capacidades de afecções. Nas metáforas islandesas encontramos perífrases e nunca um único termo; não encontramos a cópula *ser* e nem equivalências entre as *kenningar* e o nome. Por meio da “involução de heterogêneos”, o sentido está no *entre* implodindo, nas *kenningar*, expectativas essencialistas, fixas e universais do sentido.

Viveiros de Castro, ao conceber o perspectivismo, também usufruiu das reflexões de Deleuze. A descrição (não-estruturalista) da cosmologia dos índios, feita pelo antropólogo, foi muito produtiva para que pensássemos as *kenningar*, vendo nelas perspectivas, pontos de vista. Para os ameríndios essa é a forma pela qual “naturalmente” compreendem o mundo, as palavras; para nós, ver num nome perspectivas e não objetividades é um esforço, um giro filosófico.

As palavras que usamos, muitas das vezes, estão impregnadas de expectativas representacionistas. Como vimos, por exemplo, por meio dos estudos de Lakoff, as metáforas conceituais como “as ideias são objetos” e “as expressões

linguísticas são recipientes” (Lakoff, 2009, p.47) tendem a nos assolar, tendem a comparecer (inclusive, poderíamos vê-las em “palavras impregnadas de expectativas”?).

Assumimos que, ao considerar o senso comum e os estudos tradicionais da linguagem no Ocidente como sendo logocêntricos, o crítico que se propõe a repreender a linguagem racionadólatra, em muitos casos, tem que conviver com certa persistência da “matéria velha”.

Já os ameríndios, como apreendidos por Viveiros de Castro, e as *kenningar*, entendidas como “literatura instintiva” e como “espontaneamente simbólicas”, prometem se afastar da compreensão da linguagem pelas dicotomias: centro/periferia, literal/metafórico. A percepção da linguagem como sistema (falido ou não) de representação da realidade, do pensamento ou da própria linguagem não comparece, assim como não percebemos neles a priorização do pensamento racional.

Estivemos debruçando-nos também no que Viveiros de Castro concebe como *inconstância selvagem*, que leva os ameríndios a crer que “o outro não [é] um espelho, mas um destino” (AS 220), com isso ressaltamos também que incorporando (mesmo que precariamente) essa “filosofia”, não procuramos ver nesses *outros* culturais, sociais, um espelho de nós mesmos ou, ainda, estágios primitivistas ou pós-estruturalistas de nossa história, mas antes aceitar o convite de, mesmo sabendo de nossas muitas limitações, entrever esse outro e antropofagiá-lo para pensar como agimos por meio da linguagem.

Se consideramos que os poetas islandeses e os ameríndios não priorizam a lógica como sendo o centro da linguagem, qual é o lugar da metáfora para eles? Por meio da função dêitica dos nomes no perspectivismo pudemos entrever como “a cerveja do jaguar é sangue” pode ser entendido literalmente e não de forma metafórica. Por meio do *veriloquium* viquiano pudemos entrever, nas *kenningar*, a possibilidade de escapar à dicotomia literal/metáfora. Mas como continuar chamando esses usos de metáfora e literal?

Viveiros de Castro nos alerta: “[n]ão há culturas inautênticas, pois não há culturas autênticas (E 148); ao refletir sobre a inconstância da alma selvagem, afirma: “[l]á não pode haver crentes, pois não há hereges” (IAS 216).

Estendamos tais reflexões para a linguagem: como falar de metáfora, se não há literal? Como a noção de transporte se estabelece? Haveria transporte de

ideias e não de domínios literal/metafórico? Haveria nas metáforas aproximações que se pautam na semelhança das imagens, dos conceitos? Ou a riqueza das metáforas estaria no contato de heterogêneos, no valor das diferenças? Essas questões persistem e movem futuras pesquisas e, ainda, novas perguntas.